



## AMÉRICA LATINA

# EUA retomam sanções contra Venezuela

Em resposta aos obstáculos impostos por Caracas à oposição venezuelana nas eleições presidenciais, Washington decide não renovar a licença 44, sobre comercialização de petróleo e gás. Governo de Nicolás Maduro minimiza a medida

Numa reação à condução do processo eleitoral na Venezuela, com bloqueio aos adversários de Nicolás Maduro na disputa presidencial, os Estados Unidos decidiram retomar, a partir de hoje, sanções econômicas contra o país caribenho. O Departamento do Tesouro anunciou que não renovará a licença 44, que autoriza transações relacionadas ao setor de petróleo e gás da Venezuela. Para Washington, ao impedir que opositores se candidatem e prender políticos e ativistas, Maduro descumpriu o pacto que assumiu em outubro do ano passado, em Barbados, para realização de um pleito democrático.

"Depois de uma revisão minuciosa da situação atual na Venezuela, os Estados Unidos determinaram que Nicolás Maduro e seus representantes não cumpriram plenamente os compromissos assumidos no acordo eleitoral, disse o porta-voz do Departamento de Estado, Mateus Miller.

A licença geral 44 venceu à 00h01 de hoje. Em substituição, o Escritório para o Controle de Ativos Estrangeiros (Ofac), que responde ao Departamento do Tesouro, emitiu outra medida, a 44A, para "a liquidação de transações pendentes até 31 de maio".

O governo do presidente Joe Biden reconhece que "Maduro e seus representantes" honraram alguns compromissos. No entanto, destaca Mateus Miller, "impediram que a oposição democrática registrasse o candidato que escolheu, perseguiram e intimidaram opositores políticos e prenderam injustamente atores políticos e membros da sociedade civil".

Caracas minimizou a decisão, afirmando que continuará comercializando com empresas estrangeiras. "Não vamos parar, com ou



Nicolás Maduro (à direita) acena a apoiadores durante comício, no último sábado, em Caracas: em busca do terceiro mandato

sem licença", afirmou, em tom desafiador, o ministro venezuelano do Petróleo, Pedro Tellechea. Atualmente, a produção do país se situa em torno de 800 mil barris por dia, depois de ter atingido um mínimo em meados de 2020, quando caiu abaixo dos 400 mil. O montante, porém, ainda está bem longe dos 3 milhões que atingia há 15 anos.

### Perseguição

Autoridades venezuelanas definiram um calendário eleitoral e concordaram com missões de observação internacionais nas eleições de 28 de julho, nas quais Maduro disputará o terceiro mandato. Mas "ficaram aquém em diversas áreas", na avaliação de um

alto funcionário do governo Biden. Washington está convicto de que o cumprimento do Acordo de Barbados, firmado entre o governo venezuelano e as forças de oposição, é o único caminho viável para alcançar progressos eleitorais.

A Casa Branca está especialmente preocupada com o fato de a principal rival do chavismo, María

Corina Machado, continuar inabilitada, e de Corina Yoris, indicada para substituí-la, também ter sido vetada. "Fomos testemunhas de uma campanha preocupante de perseguição e intimidação contra atores da oposição apenas por exercerem seus direitos políticos", disse outra fonte do alto escalão, referindo-se aos sete membros da equipe de



**Não vamos parar (as transações comerciais), com ou sem licença"**

**Pedro Tellechea**, ministro venezuelano do Petróleo

campanha de María Corina presos e a outros tantos que são alvo de mandados de prisão.

Apesar da retomada das sanções, Washington evita romper com Caracas. O Ofac "vai analisar caso a caso pedidos de licença específicos para prosseguir com as atividades além do período de liquidação", ressaltou Miller.

Segundo uma terceira fonte do governo Biden, ouvida pela agência de notícias France Presse (AFP), a retomada das sanções não deve ser vista como uma decisão final, "em que já não acreditamos que a Venezuela possa realizar eleições competitivas e inclusivas". "Os Estados Unidos continuarão interagindo com todas as partes, incluindo os representantes de Maduro, a oposição democrática, a sociedade civil e a comunidade internacional", complementou.

O embargo ao petróleo e gás venezuelano foi imposto em 2019 como parte de uma bateria de sanções para tentar provocar a queda de Maduro após as eleições de 2018, consideradas fraudulentas por Washington. A retomada das sanções não afeta licenças anteriores, como a concedida em 2022 à gigante americana Chevron para operar na Venezuela e cobrar com petróleo dívidas pendentes.

## TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

# Israel tomará as próprias decisões, diz premiê

Sob forte pressão internacional, inclusive, de aliados, para não responder miitariamente o Irã, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu afirmou, ontem, que Israel tomará as próprias decisões quanto à reação ao ataque do último fim de semana. O premiê reiterou "o direito" de Israel de "se proteger" ao receber em Tel Aviv os ministros das Relações Exteriores de Reino Unido, David Cameron, e Alemanha, Annalena Baerbock. Os chanceleres manifestaram solidariedade ao Estado judeu, mas pediram prudência.

Israel manifestou várias vezes sua determinação de responder ao ataque inédito do último fim de semana, durante o qual o Irã lançou aproximadamente 350 drones e mísseis contra seu território — praticamente todos interceptados com a ajuda dos Estados Unidos e de outros países. Teerã executou a ofensiva em represália ao bombardeio contra seu consulado em Damasco, na Síria, atribuído a Tel Aviv, no qual morreram sete membros do Exército dos Guardiões da Revolução Islâmica (IRGC, na sigla em inglês).

Em um comunicado, o Hamas exaltou, ontem, a iniciativa do Irã, destacando que o ataque iraniano foi "legítimo e merecido". "Acabou o tempo em que a

### » Palestina nas Nações Unidas

O Conselho de Segurança das Nações Unidas vota hoje o pedido dos palestinos para se tornarem um Estado-membro de pleno direito na organização. A iniciativa, provavelmente, vai esbarrar no veto dos Estados Unidos, que considera que a ONU não é o local ideal para tal reconhecimento, e sim um acordo com Israel.

entidade sionista podia fazer o que quisesse sem prestar contas nem ser punida", prosseguiu a nota divulgada pelo movimento islamita palestino, que deflagrou uma guerra com Israel após invadir o país, assassinar 1.170 pessoas e sequestrar mais de 250, em outubro do ano passado.

### Moderação

Na reunião com Netanyahu, David Cameron e Annalena Baerbock externaram o receio das consequências de uma resposta israelense ao Irã. "Esperamos que Israel reaja de uma forma que



Soldados iranianos participam de desfile comemorativo das Forças Armadas: ameaças renovadas

dos reféns israelenses nas mãos do Hamas em troca de palestinos detidos em Israel, estagnaram, segundo o Catar, que atua como mediador ao lado de Estados Unidos e Egito. "Estamos fazendo uma reavaliação global do nosso papel", declarou o chefe de governo e chanceler catari, Mohammed bin Abdulrahman al Thani, durante uma coletiva de imprensa. A seu lado, o chanceler turco, Hakan Fidan, acusou Netanyahu de tentar "arrastar a região para a guerra para continuar no poder".

O conflito em Gaza completou seis meses na semana passada. Nesse período, houve uma única trégua, no fim de novembro, que possibilitou uma troca de reféns por presos palestinos. Estimam-se que 129 pessoas permanecem nas mãos do Hamas.

Mesmo em meio à crise com o Irã, Netanyahu mantém o projeto de ofensiva terrestre em Rafah, no sul da Faixa de Gaza, que virou um refúgio para mais de um milhão de palestinos que fugiram da destruição em outras partes do território.

contribua o menos possível para uma escalada, e de uma forma ao mesmo tempo inteligente e dura", declarou o britânico. "Agora, todo mundo deve agir de forma pensada e responsável; não falo em ceder, falo de moderação inteligente", acrescentou a chanceler alemã. Desde o fim de semana, Netanyahu vem realizando reuniões do Gabinete de Guerra para traçar o tom da resposta. "O mundo

inteiro deve trabalhar de maneira decisiva e desafiadora contra a ameaça do regime iraniano", afirmou o presidente israelense, Isaac Herzog. A Casa Branca anunciou que, "nos próximos dias", vai impor novas sanções contra a República Islâmica, e a UE planeja ampliar as suas.

O Irã, por sua vez, exibiu mísseis e drones, em um desfile por ocasião do dia de suas Forças

Armadas. "Se o regime sionista cometesse a menor agressão contra o nosso território, a resposta seria feroz e severa", declarou o presidente Ebrahim Raisi, dirigindo-se aos comandantes militares. Raisi classificou o ataque do fim de semana como "moderado e punitivo".

Enquanto isso, as negociações para uma nova trégua na Faixa de Gaza, que permita a libertação